



A Loira do Banheiro

e outras histórias

*Para minha mãe e amiga querida,
Valdeti Braz de Oliveira Prieto*

A Loira do banheiro
© Heloisa Prieto, 2007

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Claudia Morales
Editora assistente	Maria Elza M. Teixeira
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisão	Fernanda Almeida Umile Bárbara Borges

ARTE	
Editor	Antonio Paulos
Diagramador	Claudemir Camargo
Projeto gráfico	Sílvia Massaro
Editoração eletrônica	Studio 3

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P949L

Prieto, Heloisa, 1954-
A loira do banheiro e outras histórias / Heloisa Prieto ;
ilustrações Maria Eugênia. – 1. ed. – São Paulo : Ática, 2008.
120p. : il. (Para gostar de ler júnior ; n.7)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-11475-7

I. Ficção infantojuvenil. I. Eugênia, Maria, 1963-.
II. Título. III. Série.

07-4466. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 11475-7 (aluno)
ISBN 978 85 08 11476-4 (professor)

2012
1ª edição
5ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2008
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – São Paulo, SP – CEP 02909-900
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A Loira do Banheiro

e outras histórias

HELOISA PRIETO



Ilustrações
MARIA EUGÊNIA

ea
editora ática

Mistérios, segredos e frio na barriga



Há quem diga não ter medo de nada. Que assombração é balela. Vampiro e lobisomem? Invenções do homem. Será mesmo?

Desde que o mundo é mundo, o ser humano inventa mitos para abrandar o medo que sente de coisas que não sabe explicar.

As histórias são uma forma de lidar com mistérios e emoções. Heloisa Prieto, ainda adolescente, percebeu que poderia apreender muito da personalidade das pessoas prestando atenção em suas histórias preferidas. Talvez por isso, além de escritora, tenha se tornado pesquisadora de narrativas. Seus livros são bem diversificados, embora a autora tenha predileção por mitos, mistérios e segredos.

E você, de que tipo de história gosta? Seja qual for, encontrará nesta antologia o que procura. A autora selecionou dezenove contos na certeza de agradar aos diversos gostos dos mais exigentes leitores.

Há contos de mistério e suspense para quem adora sentir frio na barriga. Você prefere histórias de amor? Tem algumas românticas, outras cheias de aventura. Quem não tem curiosidade em saber como era a vida quando não havia TV, shopping center, celular? São histórias narradas a Heloisa por seu pai. E há contos bem inquietantes e outros que relatam a memória do mundo e do Brasil. Com eles aprendemos muito sobre nossa cultura e a natureza do ser humano.

Então, já se decidiu? Na dúvida, leia todos. Valem a pena!



Sumário

Será que é lenda?



<i>O lobo da lua</i>	11
<i>Vovó Maria</i>	17
<i>A ponte mal-assombrada</i>	25
<i>A Loira do Banheiro</i>	27

Memória do mundo



<i>O dia em que vi Pégaso nascer</i>	35
<i>A longa vida de Merlin</i>	39
<i>Sekmet, a leoa</i>	42
<i>A dança da vida</i>	44

Histórias de amor



<i>O segredo</i>	51
<i>E a paz não virá pela força</i>	53
<i>Romeu e Julieta</i>	57
<i>Um casal de leões</i>	61

Aventuras contadas por meu pai



<i>Raça pura</i>	71
<i>Dia de boto</i>	79
<i>Bolachas</i>	89

Medos inquietantes



<i>Pacto</i>	95
<i>Medo de espelhos</i>	100
<i>11 de setembro / Terror</i>	110
<i>Palhaçada</i>	113
Referências bibliográficas.....	115
Histórias como voos de pássaros	117

Será que é lenda?



Fiquei apavorado. Comecei a me contorcer, a rosnar, a tentar escapar... Foi então que ouvi outro tiro. Será que eu tinha morrido?



O lobo da lua

Sou um sujeito da cidade. Acostumado com o perigo. E nunca imaginei que fosse sentir medo na floresta. Mas aconteceu. Tem gente que diz que fazenda é um tédio, que o tempo custa a passar, que não tem nada para fazer.

Eu não acho. Naquela viagem à fazenda vivi coisas inacreditáveis, coisas que não tenho coragem de contar para ninguém, só para você.

Eu me lembro direitinho quando chegamos na Fazenda Matão Bonito. Estava exausto. Tinha viajado cinco horas de carro, fazia muito calor e cheguei morto de fome e cansaço. A fazenda pertence ao pai de uma amiga minha, a Alessandra. Ela convidou a mim e ao Jorginho para ficarmos lá todo o mês de janeiro.



E me senti melhor assim que desci do carro. O cheiro do mato, o vento suave, o perfume do cafezinho da dona Manuela... Pareceu-me que os relógios funcionavam de um jeito diferente. Que o tempo passava bem mais devagar.

Fomos para o quarto descansar e só acordei ao ouvir dona Manuela avisando que o jantar estava pronto. Tomei um banho rápido, me vesti e fui para a sala.

Durante o banho, eu me lembrei da confusão que é minha vida em São Paulo. Meu pai só aparece em casa lá pelas nove da noite, porque fica no escritório, depois do expediente, trabalhando no computador enquanto espera o trânsito acabar. Minha mãe custa um pouco para “sintonizar com o lar”, como ela mesma diz. Ela é professora de maternal e, quando volta da escola, primeiro tem que tomar um banho e pôr as ideias em ordem para só depois pensar no jantar.

Lá na fazenda ninguém precisava “mudar de estação”. Quando vi seu Jonas e dona Manuela sentados na varanda tomando aperitivo, tive a impressão de que a vida era uma coisa só, que as horas eram muito mais tranquilas e confortáveis e que ninguém precisava ficar esquecendo do trabalho para prestar atenção na família.

Sentei no degrauzinho da varanda e reparei na lua. Cheia. Imensa. Brilhante. Hipnótica. Parecia olhar para mim. As pessoas conversavam ao meu lado, mas eu não conseguia ouvir o que diziam. Até que uma figura estranha surgiu no fundo do caminho que dava para a reserva florestal e veio se aproximando.

O sujeito andava de uma maneira diferente, suave, desviava-se de vez em quando como se visse objetos que nossos olhos não eram capazes de enxergar. Quando chegou na varanda, ele tirou o chapéu para nos cumprimentar e seu Jonas nos apresentou:

– Este aqui é o Miguel, nosso melhor peão. – E depois, virando-se para ele: – Miguel, estes são os amigos de Alessandra. Vamos lá, faça de conta que você é pajé. Conte para os meninos qual será o futuro deles.

Miguel era indígena. Pude reconhecer sua origem pelos traços do rosto e pelos cabelos. Ia lhe perguntar algo sobre sua tribo, mas ele olhou tão fixamente para mim que me calei.